

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Escola de Belas Artes  
Programa de Pós-graduação em Artes  
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Julia Luiza Bento Pereira

**ALDRAVIA E QUINQUILHARIA**

A arte e a literatura como artimanhas de construção da identidade

Lagoa Santa

2020

Julia Luiza Bento Pereira

## **ALDRAVIA E QUINQUILHARIA**

A arte e a literatura como artimanhas de construção da identidade

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): Artur Luiz de Souza Maciel

Lagoa Santa

2020

PEREIRA, Julia Luiza Bento.

ALDRAVIA E QUINQUILHARIA: A arte e a literatura como artimanhas de construção da identidade / Julia Luiz Bento Pereira. – 2020.

38 f., enc

Orientador(a): Artur Luiz de Souza Maciel.

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

Referências: f. 36-38

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino – Especialização. I. Título. II. Maciel, Artur Luiz de Souza. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

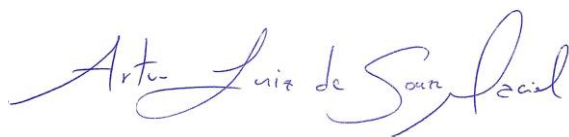
CDD: 707

Nome: **JULIA LUIZA BENTO PEREIRA**

**ALDRAVIA E QUINQUILHARIA: A ARTE E A LITERATURA COMO ARTIMANHAS DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Banca examinadora:



Prof. Artur Luiz de Souza Maciel – CEEAV/ EBA/ UFMG (Orientador)



Prof. João Augusto Cristeli de Oliveira – CEEAV/ EBA/ UFMG – Membro da Banca Examinadora



Profa. Patrícia de Paula Pereira  
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes  
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV  
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes  
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 29 de fevereiro de 2020.

## Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo geral realçar as nuances existentes entre arte e literatura, no sentido de que ambas, em relação ao indivíduo, têm o poder de construir e constituir sua formação identitária enquanto narrador e criador de si próprio. Para tanto, será tomado como objeto de referência o livro *Translado: narrativas trans da Av. Pedro II* (2018), resultado de um projeto realizado por pós-graduandos em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Por conseguinte, o conteúdo prático a ser trabalhado, com discentes de ensino fundamental e médio da rede pública de ensino, alia literatura – representada no subgênero poético, aldravia – e arte visual – através da produção com quinquilharia, materiais recicláveis e de valor afetivo. Assim sendo, partir da leitura da obra artístico-literária mencionada – enquanto referência metodológica – e adentrar nos conteúdos práticos, a saber, aldravia e quinquilharia, permitiu a mim, enquanto docente, embasar minha pesquisa e reproduzir uma proposta interdisciplinar de construção autógrafo e subjetiva por meio de arte e literatura.

Palavras-chave: Aldravia. Quinquilharia. Identidade.

## **Abstract**

The general objective of this research is to highlight the nuances between art and literature, in the sense that both, in relation to the individual, have the power to build and constitute their identity formation as narrator and creator of themselves. To this end, the book *Transfer: trans narratives of Av. Pedro II* (2018), the result of a project carried out by graduate students in Arts at the Federal University of Minas Gerais, will be taken as a reference object. Therefore, the practical content to be worked with elementary and high school students from the public school system, combines literature – represented in the poetic subgenre, *aldravia* – and visual art – through the production with trinkets, materials recyclable and affective value. Thus, starting from the reading of the artistic-literary work mentioned – as a methodological reference – and entering the practical contents, namely, *aldravia* and trinket, allowed me, as a teacher, to base my research and reproduce a proposal interdisciplinary construction of autographand subjective through art and literature.

Palavras-chave: Aldravia. Quinquilharia. Identity.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2. RELATO DE SI E A PROPOSTA ARTÍSTICO-LITERÁRIA.....</b>	<b>11</b>
2.1 Relatando-me.....	11
2.2 Relatar a si mesmo através da arte e da literatura.....	14
2.3 O quê e a quem <i>Translado</i> relata?.....	17
<b>3. SUJEITOS, POÉTICAS E ARTES VISUAIS.....</b>	<b>19</b>
3.1 <i>Translado</i> : identidades, territórios e memórias .....	19
3.2 Aldravia: uma via(gem) dentro do eu .....	22
3.3 Quinquilharia: vestígios de vida .....	23
<b>4. QUINQUILHARIA E ALDRAVIA: FRAGMENTOS DE IDENTIDADE EM FORMA DE ARTE .....</b>	<b>26</b>
4.1 Pertences pessoais como materiais didáticos.....	26
4.2 Narrativas de si como alicerce para a escrita.....	29
4.3 (Re)pensando processos metodológicos e pedagógicos .....	31
<b>5. CONCLUSÕES.....</b>	<b>35</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Através da arte, o artista externa, para além de sua proposta estética, suas convicções, sua personalidade, sua identidade, seu(s) eu(s). Na literatura, como já bem enfatizou Walter Benjamin, o narrador, ao passo que é autor, aproxima-se do artista.

(...) a narração não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação faz), integra-o à vida do narrador para passá-lo ao convite como experiência. Nela ficam impressas marcas do narrador como os artigos das mãos do obreiro no vaso de argila (BENJAMIN, 1994, p. 68).

Nessa esteira, a obra *Translado: narrativas trans da Av. Pedro II* (2018) – cuja proposta é associar arte e narrativa de travestis e transexuais que prostituem-se na Avenida Pedro II, em Belo Horizonte, Minas Gerais – vem corroborar com a proposta da presente pesquisa, a de que arte visual e literatura, enquanto disciplinas, podem manter uma relação de complementaridade – ou mesmo serem lidas literatura como arte e arte como narrativa literária – no sentido de construir e constituírem a formação identitária do eu que narra – se quer narrar – e cria.

A obra em questão busca construir um registro histórico sobre quem são as travestis de Belo Horizonte. Por meio de narrativas autobiográficas e com base em conceitos artísticos, elas protagonizam a construção de suas narrativas quando elaboram um produto artístico-literário, mediante a intervenção dos organizadores do projeto.

Na capital mineira, a Avenida Pedro II, suas ruas e esquinas são, há muito, conhecidas como local de prostituição, abrigando travestis e transexuais. Todavia, as histórias dessas mulheres, bem como seu papel social são invisibilizados, quando não, atacados e estereotipados. Assim, entende-se que a arte e a literatura empreendidas nesse ambiente, através do projeto *Translado*, resgatam identidade, memória, representatividade e cidadania dessas figuras de papel social de inegável valor.

O conjunto de narrativas trans que forma a obra *Translado: narrativas trans. Da Av. Pedro II* (2018) tem incentivo por meio de um projeto coordenado por Tomás German, publicitário e pesquisador, integrado também por Afonso Scliar, José Henrique Pires Azevedo, Bárbara Macedo e Caio Paranhos. Oficinas realizadas com travestis e transexuais que se prostituem em casas e pensões na avenida Pedro II,

em Belo Horizonte, Minas Gerais deram origem aos relatos e conversas publicadas: “Elas são as autoras desse livro, que relataram suas histórias e ainda produziram algumas imagens que ilustram esta publicação” (GERMAN et al., 2018, p. 4). Os idealizadores e equipe do projeto realizaram encontros em formato de oficinas temáticas de acordo com três eixos propostos – identidades, memórias e territórios – e as narrativas foram selecionadas em conjunto com as participantes, transcritas e adaptadas para a modalidade escrita da língua.

Nessa esteira, busco introduzir, reconhecer e produzir textos do gênero aldravia – com foco em temáticas sociais suscitadas pela discussão da obra *Translado* – e produzir caixas artesanais com quinquilharia (material reciclável, de descarte e pessoal). Para tanto, num segundo momento, traçarei a análise da obra *Translado: narrativas trans da Av. Pedro II* (2018), a fim de encontrar nela elementos que corroborem a proposta de que arte e literatura aliam-se na busca e formação da identidade, do eu, temática a ser abordada no capítulo que dá início à presente monografia.

Com essa proposta, intuo expandir o olhar do alunado aliando à leitura de mundo criação poética e artística, confrontando e debatendo opiniões e pontos de vista sobre as mais diferentes temáticas. Pretendo ainda, promover a leitura e produção textual em sala de aula e fora dela; desenvolver as habilidades de escrita a partir de oficinas de escrita criativa; identificar aspectos relevantes do gênero poema, mediante o subgênero Aldravia, compondo-o de forma criativa e lúdica. Por fim, busco utilizar as habilidades artísticas para a elaboração do produto artesanal proposto: uma caixa de quinquilharia com poesia; desenvolver habilidades e conhecimento sobre artes visuais; e mobilizar o senso crítico e a consciência social do alunado.

O trabalho aqui apresentado justifica-se na necessidade de desenvolvimento das habilidades de escrita poética e elaboração artística visual com alunos de ensino médio técnico e superior. O caráter interdisciplinar dessa proposta, que relaciona Língua Portuguesa, Literatura, Sociologia e Artes, pretende proporcionar a expansão dos conhecimentos que os discentes possuem sobre tais conteúdos didáticos.

Tomar a obra *Translado: narrativas trans da Av. Pedro II* (2018) significa vislumbrar a possibilidade e a necessidade de buscar na esteira acadêmica – através das vertentes artística e literária – meios de, enquanto discente e docente,

pesquisadora e artesã, resistir e (re)existir. Desse modo, a obra *Translado: narrativas trans da Av. Pedro II* (2018) se apresenta como projeto de resistência e (re)existência na medida em que dá voz artístico-literária a narrativas “transprostitutas” – grupo historicamente estigmatizado, além de socialmente marginalizado.

Assim sendo, a presente pesquisa pretende se aproximar do Ensino de Artes Visuais na medida em que busca desenvolver habilidades e sensibilidades nesse sentido.

Metodologicamente, parto da leitura e análise da obra artístico-literária para, então, adentrar ao conteúdo prático a ser trabalhado. A metodologia alterna-se entre aulas expositivas e práticas: realização de oficinas de leitura e escrita poética, tomando como norte o gênero aldravia; elaboração de pesquisas a respeito de temáticas diversas, a fim de auxiliarem na criação poética; abordagem de conteúdos gramaticais necessários para elaboração de poemas; discussão a respeito da importância do reaproveitamento de materiais e do significado simbólico e afetivo de objetos pessoais; Coleta, arrecadação e seleção de materiais para elaboração da caixa; exposição sobre as técnicas de montagem da quinquilharia; elaboração de caixas a partir de materiais recicláveis e de valor afetivo; exposição dos trabalhos finais.

Elenca-se o título mencionado – *Translado* – no intuito de mobilizar diálogos talvez ainda não estabelecidos entre literatura, arte e sociedade. Assim sendo, intenciono realizar um projeto cuja fundamentação teórico-crítica seja de diversificadas áreas do conhecimento, uma vez que se apresentem indispensáveis para o que proponho.

## 2. RELATO DE SI E A PROPOSTA ARTÍSTICO-LITERÁRIA

Este capítulo busca, em um primeiro momento, performatizar a escrita do eu, relacionando, em seguida, a proposta do projeto às teorias de relato de si e a conceitos de arte e artesanato; por último abordar-se-á em que medida a obra *Translado* está atrelada a esses contextos.

### 2.1 Relatando-me

*Gosto de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu "destino" não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja a responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja a feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismos.*

*Paulo Freire*

Ainda criança, respondi que queria, quando crescesse, ser artista plástica, ser escritora...

Adolescente, fiz um curso de pintura, que me permitiu aproximar-me ainda mais das artes, pelas quais já possuía grande afeto...

Na faculdade, conheci as letras e a literatura... e, assim, a escrita nunca mais saiu da minha vida...

No mestrado – um momento de crescimento pessoal e acadêmico diferente de tudo que vivi –, conheci que fotografia também era arte... e me encantei pelas obras de fotógrafos como Evandro Teixeira e Sebastião Salgado. Além deles possuo profunda admiração por artesãos(ãs), atores (atrizes) e artistas plásticos(as) regionais e locais.

Hoje sou artesã... artesã de palavras, de arte, de vidas, na medida que, enquanto professora, ajudo a esculpir e revelar aquilo que outras vidas tem de pulsante, desejante, sua própria arte...

Eu sempre quis ser aluna da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Amo as artes e acho que através delas é possível ser no mundo... É uma área do conhecimento que sempre quis dominar melhor. As experiências adquiridas até agora, nesse espaço de cultura, me levam à transgressão, quando me fazem sonhar, querer mais, idealizar, criar, lutar, reivindicar, questionar(-me)... Entendo que a tríade professor-artista-pesquisador não pode se desvencilhar para uma prática docente exitosa! Busco ser permanentemente uma professora-artista-pesquisadora.

Hoje, me move o desejo de aprender! Ano passado, no início dessa jornada, afirmava que meu maior sonho era conseguir fazer parte de uma instituição de ensino em que eu fosse dignamente remunerada pelo trabalho exercido e pelo investimento intelectual que realizava em mim mesma... E eis que hoje, relendo esse relato de aproximadamente um ano atrás, constato que meu sonho se realizara! Continuemos a sonhar!

Assim, exijo de mim conhecer melhor as artes, com embasamento, para levá-las ao ambiente da educação; ou seja, como professora de literatura, me sinto responsável por abrir esse leque de opções infindas que o campo das artes oferece... Pretendo propiciar ao meu alunado aulas de qualidade, interessantes e que os façam querer ir além, ultrapassar fronteiras e perceber sua capacidade de criação artístico-visual, ou, ao menos, interesses que possam vir a surgir, quando defrontados com as artes visuais. Quero continuar sendo artesã de vidas e de sonhos.

O ato de narrar uma experiência vivida traz a possibilidade de revivê-la em sua potência estética e de transformação da realidade, transformando uma experiência do passado em algo que também se realiza no tempo presente, e, abre alternativas para a construção de sentidos futuros. Viver uma experiência e depois narrá-la oferece uma oportunidade de se debruçar sobre o vivido e fazer dele matéria para se compreender, refletir e questionar a própria existência. [...] A tessitura da experiência estética junto à narrativa e à infância aparece como morada para o poético e a delicadeza. Dizer de si revela a si mesmo e o outro, ilumina a costura da vida revelando os afetos, as saudades e a essência de uma existência (PALHARES, 2018, p. 122-123).

Narrar um sonho realizado, após perceber o quanto fora idealizado e buscado é revivê-lo em toda sua potência, é, de fato, transformar essa experiência que já

ficou no passado em algo que se realiza mais uma vez no tempo presente. Ao ler, me emocionei com o exato encontro do desejo e de uma sua efetivação... a experiência passada se realizou como um presente – e de maneira potente – no agora...

Afirmo que, atualmente, ao optar pelos campos de conhecimento da Arte e Educação minha grande busca é aprender não para dividir, mas para somar, multiplicar. Ao tecer esse memorial formativo e perpassar formação pessoal e acadêmica, entrelaçando passado, presente e futuro, busquei dizer da arte como parte de minha história. Afinal, “(...) a condição biográfica é indissociável de uma forma de sociedade na qual as grandes questões formulam-se, cada vez mais, em termos de identidade e de reconhecimento” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 64). Nesse sentido, vida acadêmica, profissional, artística e pessoal são inerentes entre si; “(...) a dimensão de experiência e aprendizagem de si não é dissociável da experiência e da aprendizagem dos mundos sociais.” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 89).

Na medida em que nos situamos em universos sociais, não nos desvencilhamos de nossas diversas ocupações sociais. Ainda que lecionando em sala de aula, não deixo de ser filha, artesã, estudante, por exemplo. Nessa esteira, entendo que, o que propõe Delory-Momberger é que, na medida em aprendo o mundo, aprendo sobre mim, mais que isso, experiencio, me torno sujeito, moldo minha(s) identidade(s). Eu, professora arte-educadora!

Ainda que tenha vivenciado períodos de muita aprendizagem, trago comigo muitos questionamentos... Afinal aprender é sempre um exercício de busca... Uma grande dúvida que possuo em relação às Artes é o porquê ainda hoje se tem a ideia de que estas sejam direcionadas a um público seletivo, mesmo com a sua expansão e socialização; mais que isso, questiono como mudar essa realidade, uma vez que entendo a arte como forma de luta, resistência, espaço de acolhimento e coletivização: “(...) as lutas, como as resistências, organizam-se em torno do reconhecimento social dos valores de respeito e de dignidade das pessoas e de sua expressão política na ‘comunidade dos cidadãos’” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 64). Pensando sobre o que propõe Delory-Momberger, me resta entender que o reconhecimento social de valores como respeito e dignidade do indivíduo, bem como

seu poderio político, não foram alcançados na proporção necessária para que a arte seja um bem comum.

Assim, diante disso me questiono: É possível, através das narrativas de si – uma vez que todo sujeito possui uma história – mudar essa realidade? Aliando a autobiografia à arte todo sujeito teria a oportunidade de experienciar a arte como o bem indispensável à sua existência que esta de fato representa? Como então criar mecanismos para implementar esse trabalho artístico-autobiográfico de maneira ampla e acessível? São questões que seriam menos facilmente resolvidas caso houvesse, de fato, interesse por parte de gestões em fornecer cultura e arte como bem para todos.

Para o momento, contudo e por tudo, continuemos a sonhar!

## 2.2 Relatar a si mesmo através da arte e da literatura

*As dimensões experienciais e formativas inerentes aos percursos de vida-formação ganham destaque na contemporaneidade, supondo o acolhimento de narrativas constituídas nas “relações entre lembranças, memórias, esquecimento e experiência, centrando no sujeito da narração as possibilidades de reinvenção das dimensões subjetivas da vida e do cotidiano, com ênfase nos testemunhos como um dos modos de narração e de atos da memória.*

*Eliseu Clementino de Souza*

De acordo com Judith Butler, em *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*, “Relatamos a nós mesmos simplesmente porque somos interpelados como seres que foram obrigados a fazer um relato de si mesmos por um sistema de justiça e castigo” (BUTLER, 2015, p. 22). Sumariamente, sobre o ato de relatar de si mesmo, a filósofa estadunidense desenvolve que este relato

adquire uma forma narrativa, que não apenas depende da capacidade de transmitir uma série de eventos em sequência com transições plausíveis, mas também recorre à voz e à autoridade narrativas, direcionadas a um público com o objetivo de persuadir (BUTLER, 2015, p. 23).

Nesse sentido, Butler apresenta a dificuldade em relatar a si mesmo, uma vez que, inevitavelmente, o sujeito moral, transparente e racional é um construto impossível que acaba por negar a especificidade do que é ser humano. Desenvolver um relato de si próprio exige despossuir-se.

Em decorrência de tal fato, sempre existirá uma incompletude, uma opacidade, afinal as condições do ser e estar no mundo estão aquém do nosso alcance; os códigos que regem o humanamente aceitável limitam o estabelecimento da singularidade. Enfim, há uma espécie de negociação para a (re)produção do relato, de modo que “sou usada pela norma precisamente na medida em que a uso” (BUTLER, 2015, p. 51).

Em relação à proposta de um relato que perpassasse o fazer artístico, é importante tecer algumas considerações sobre artes e suas metodologias de ensino. Segundo a professora Lucia Pimentel:

Arte é um conhecimento sensível, que coordena ações e emoções; é um modo de pensar, chegar a criações inusitadas e estéticas, propor novas formas de ver o mundo e apresentá-lo com registros diferenciados. É uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político. É a experiência dos sujeitos que se faz coletiva (PIMENTEL, 2015, p. 97).

Na esteira do que propõe Pimentel, chega-se a um consenso de que não se deve fazer dos exercícios artísticos situações vazias de significados e, dessa forma, a metodologia apresenta-se como o caminho para chegar a esse objetivo, segundo Ana Mae Barbosa, tanto para docente, quanto para discente. Não obstante, todos concordam a respeito do desafio que é conhecer métodos e criar metodologias conscientes.

Desse modo, as concepções de arte apresentadas perpassam a ideia de arte como narrativa, arte como elemento fundamental para o desenvolvimento da cognição, o conceito da abordagem triangular, além de relações híbridas. Há várias linhas possíveis, mas segundo, Ana Mae Barbosa é preciso encontrar os caminhos produtivos que propiciem prazer e reflexão para além do entretenimento, pensando, aqui, principalmente nas artes visuais.

Os conceitos e objetivos de ensino de arte apresentados passam pela ideia de um professor que possua experiências artísticas, buscando estar sempre em

formação e experienciando vivências estéticas. Nesse sentido, Pimentel reitera essa proposta: “@ professor@ de Arte, em qualquer nível de ensino, deve ser, primeiramente, pessoa inserida no contexto artístico como forma de viver. É essencial que a experiência estética seja um componente importante em sua vida cotidiana” (PIMENTEL, 2007, p. 25).

Assim sendo, na formação e na prática docente de um educador em arte devem estar presentes aspectos como capacidade de ser mediador, priorizar a diversidade e as sutilezas, prezar pelo diálogo e respeito à unicidade e personalidade artística. Segundo Pimentel, é muito importante uma formação sólida em Arte por parte do docente para corroborar a aprendizagem do alunado. Assim, a professora lembra que a produção de um ensino contemporâneo deve estar comprometida com os conhecimentos produzidos no passado, mais ainda, é preciso, segundo ela, levar em conta as manifestações artísticas da atualidade, do cotidiano sócio-cultural e individual de quem ensina e também de quem aprende (PIMENTEL, 2007, p. 25) .

A respeito das abordagens teóricas para o ensino da arte são mencionadas a abordagem triangular, concebida por Ana Mae Barbosa. Os conceitos de método e metodologia são apresentados como propiciadores de construção de conhecimento e raciocínio na disciplina.

Pode-se depreender algumas estratégias metodológicas apresentadas nos trechos que retratam uma ação de ensino e aprendizagem que passa pelo prazer na experiência artística. Os docentes veem no ensino da arte não uma reprodução, mas uma criação:

A obra artística não pretende imitar a realidade, nem pretende ser ilusões sobre a realidade, mas exprimir, por meios artísticos, uma realidade. Os artistas se apropriam dos símbolos instituídos do mundo e os reordenam, criando uma outra realidade (PIMENTEL, 2007, p. 32).

Finalmente, as metodologias de ensino em artes visuais prezam pela reflexão e contextualização e não pela simples reprodução. As ações de ensino e aprendizagem em artes permeiam referências, fazer artístico, prazer estético. Ao professor, portanto, cabe estimular, direcionar, mediar, provocar, dialogar e destacar as sutilezas presentes nesse universo.

### 2.3 O quê e a quem *Translado* relata?

Atualmente, estou me doutorando em Letras – Estudos Literários, pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Como relatei, sou mestra pela mesma instituição. Minha pesquisa de mestrado surgiu a partir do grande interesse que sempre mantive pelos estudos autobiográficos; despertado ainda na graduação, em 2011, quando fiz uma disciplina intitulada Autobiografias Poéticas. Em outra via, minha querida orientadora Profa. Dra. Silvina Liliana Carrizo – que segue me orientando atualmente – pesquisava questões relacionadas à migração e literaturas migrantes.

Felizmente, nossos interesses convergiram quando do encontro com a escritora Mariana Brasil, em uma das disciplinas que cursei no mestrado, intitulada Literatura Alteridade e Diáspora, ministrada pela professora convidada pelo programa, Dra. Else Vieira, da Queen Mary University of London, que estuda escritores brasileiros residentes no exterior e que produzem literatura nesses países. À época, a professora organizou o evento II Encontro dos Escritores Brasileiros no Exterior, quando foi presidida pelo Prof. Dr. Alexandre Faria uma mesa redonda, onde estava presente também a autora mencionada. Enfim, após assistirmos a essa apresentação, decidimos então pela obra *O manuscrito de Sônia: Prostituição, erotismo e amor* (2005), como corpus literário da pesquisa, por justamente aliar autobiografia e migração. Além disso, contudo, a obra apresentou-se como um desafio pela abordagem da temática da prostituição, assunto do qual nós ambas não possuíamos aprofundamento teórico.

Para o doutorado, o escopo da minha pesquisa segue sendo, então, a obras que tratam a questão autobiográfica em conjunto com a prostituição no Brasil. Juntamente com minha orientadora decidimos que a pesquisa buscará analisar obras de prostitutas brasileiras que possuam um viés político de reivindicação de direitos e visibilidade.

Sobre a escrita de si, meu principal corpus teórico é o conhecido *O pacto Autobiográfico: de Rousseau à internet* (2014), de Philippe Lejeune. Assim sendo, analiso os gêneros diário, autobiografia, romance autobiográfico e autoficção. Percebo que a obra *Translado* possui esse viés autógrafa, além, claro, da temática

da prostituição, sendo, portanto, um livro caro à minha bibliografia enquanto pesquisadora.

No caso da monografia aqui apresentada, selecionei essa obra por possuir justamente, das que pesquiso a respeito da prostituição, a singularidade de realizar o trabalho com noções de identidade, memória e território através de oficinas de arte e literatura.

### 3. SUJEITOS, POÉTICAS E ARTES VISUAIS

Nesse momento, será apresentada a obra *Translado: narrativas trans. Da Av. Pedro II*; além disso irá discutir-se sobre o que se espera dos trabalhos literários propostos para os discentes com base na obra trabalhada, bem como nos conceitos de aldravia e conteúdos sociais.

#### 3.1 Translado: Identidades, territórios e memórias

*O ato de narrar o vivido carrega a essencialidade do poder de as pessoas se reconhecerem como sujeitos de suas próprias histórias, atribuindo sentido aos diferentes itinerários percorridos. Ao comporem narrativas sobre a vida vivida, colocam-se em posição de escuta, olham para múltiplas direções, dentro e fora de si, reportando-se ao que foram, ao que são, ao que desejam ser; ao que fizeram, ao que fazem, ao que projetam fazer. Caminhos a percorrer podem ser evidenciados no processo. Pelo trabalho da reflexão, no tramado de relações percebidas, a construção de significados em torno de novas rotas que se anunciam é potencializada.*

*Luciana Esmeralda Ostetto e Rosvita Kolb-Bernardes*

*Translado: narrativas trans. Da Av. Pedro II* é um registro de um projeto que buscou, através da arte, resgatar memória, território e identidade de travestis e mulheres trans da Av. Pedro II em Belo Horizonte, Minas Gerais. O intuito principal do trabalho foi ouvir e empoderar a população LGBTTI, através de diversas oficinas em que se discutiram os eixos acima elencados, suscitando narrativas com as histórias e imagens dessas travestis e mulheres transexuais, produzidas por elas mesmas.

O conjunto de narrativas trans que compõe a obra toma forma por meio da coordenação do publicitário e pesquisador Tomás German, em parceria com Afonso Scliar, José Henrique Pires Azevedo, Bárbara Macedo e Caio Paranhos. As oficinas supracitadas, realizadas com travestis e transexuais que se prostituem em casas e pensões na avenida Pedro II, em Belo Horizonte, Minas Gerais, alicerçaram os

relatos e conversas publicadas. Nesse prisma, as narrativas foram selecionadas em conjunto com as participantes, transcritas e adaptadas para a modalidade escrita da língua.

Acreditamos que um mundo incrível é aquele em que o respeito rege as conexões das pessoas e vemos um caminho a ser percorrido para que pessoas LGBTQs sejam respeitadas. O Brasil é o país com mais mortes e assassinatos da população LGBTQ no mundo (Transgender Europe) e Minas Gerais é o segundo estado com mais morte do país (Grupo Gay Bahia). Só este ano, de 2018, 153 mortes de LGBTQs já foram registradas no Brasil. Contribuímos para reverter essa realidade ao registrar e fortalecer outras narrativas e representações da população LGBTQ e promover a conexão das pessoas com essa comunidade. Uma das causas da LGBTQfobia é justamente a falta de informação, o problema da história única como diz Chimamanda Amanda Dich, em seu TED. É por isso que precisamos reverberar outras histórias (GERMAN, 2018, não paginado)

Assim, como idealiza German, a respeito do projeto realizado, nosso intuito é fazer ressoar as histórias do alunado, justamente no intuito de valorizar cada história e cada indivíduo como único e, mais que isso, digno de narrar-se e, a partir disso, ser visto, ouvido e respeitado.

Brenda: eu falo pra vocês de coração, vocês cativaram muito as meninas, que se sintam privilegiados. Porque pra elas estarem aqui agora, num domingo, onde todas se prostituíram até quase nove horas da manhã, estarem aqui sentadas, conversando com vocês, é porque elas gostaram realmente de vocês. Isso pra elas não é fácil. Não é porque a gente quer... é porque não tem vida! O corpo não aguenta ficar em pé. Por que que muitas outras transsexuais entram no mundo das drogas, ou no mundo do álcool? Porque só algum estimulante para permitir a elas ficar virada. Só algum estimulante mesmo pra conseguir algum combustível de um carro. Então por isso que muitas vezes nunca mais sai, porque você tem que comer, tem que beber, tem que dormir todos os dias – você não tem empresa, não vai arrumar emprego, tem que ter alguma coisa na sua vida. (GERMAN et al., 2018, p. 48).

Destaco acima, um extrato da obra em questão. O relato da conversa de Brenda com os responsáveis pelo projeto *Translado* é sintomático para observarmos alguns pontos a respeito do relatar a si mesmo. Ela inicia sua fala dizendo que eles – os elaboradores do projeto – conquistaram o apreço das trans e travestis, concluindo que, por esse motivo, apesar de atravessarem a noite trabalhando, estavam ali conversando com eles. Sua constatação, suscita, em seguida, uma

digressão sobre as dificuldades enfrentadas por elas enquanto trabalhadoras sexuais:

refletir sobre os processos de formação, parar para pensar nas experiências vividas permite um movimento singular de investigação sobre os percursos pessoais; investigação que pode iluminar saberes e fazeres que constituem a pessoa e, assim, ajudam a dar visibilidade aos fios de histórias particulares que se entrelaçam em trajetórias reveladas no presente. Por meio do exercício da memória, a história é revisitada pelo olhar que mira o passado nas marcas do presente, oferecendo elementos para a compreensão do percurso e, dessa forma, para o desenho de novas tramas (OSTETTO; BERNARDES, 2015, p. 164-65).

O que pudemos apreender em relação ao projeto Translado, em sua totalidade, foi que este ampliou as possibilidades nas formas de relatarmos a si mesmas – já que empreendeu alguns encontros e oficinas com tal finalidade – utilizando, a priori, diferentes linguagens e materialidades de expressão para este fim.

Dentre as linguagens mencionadas, estão a fotografia; sobre as materialidades, foi sugerido que as trabalhadoras sexuais participantes do projeto customizassem camisetas. Tais conhecimentos e manifestações artísticas inerentes à participação nas oficinas contribuem não apenas para a discussão dos conceitos de Arte, mas, para o presente trabalho, despertam questionamentos sobre a realidade dos métodos de ensino e produção de artes, agregando conhecimento e novas perspectivas não somente na experiência docente/discente, como na elaboração de materiais didáticos.

Em consonância com o que propõem os professores arte-educadores Geraldo Loyola e Lúcia Pimentel, “Quanto maior o envolvimento estético do Professor com a arte, maiores serão as oportunidades de pensar e propor experiências que estimulem nos alunos suas habilidades de criação e de senso crítico” (LOYOLA; PIMENTEL, 2016, p. 2). Assim, sendo, busco encontrar nos meus objetos de pesquisa no âmbito literário, contato constante com as artes, mais precisamente, com as artes visuais.

### 3.2 Aldravia: Uma via(gem) dentro do eu

*aldravia  
poetar  
mundo  
em  
seis  
palavras*

*Andreia Donadon Leal*

Para realizar a proposta apresentada no livro brevemente descrito acima, aliando-a ao fazer literário, buscamos uma forma de escrita poética de fácil assimilação e que não demandasse um grande tempo de produção. Trata-se de um poema sintético, capaz de inverter ideias correntes de que a poesia estaria em um beco sem saída. Essa forma nova demonstra uma via de saída para a poesia – aldravia. O poema é constituído de seis palavras-verso. Esse limite de seis palavras se dá de forma aleatória, porém preocupada com a produção de um poema que condense significação com um mínimo de palavras, conforme o espírito poundiano de poesia, sem que isso signifique extremo esforço para sua elaboração.

A palavra aldravia tem origem em "aldrava", batedor, argola de metal com que se bate às portas para que estas sejam abertas por quem está dentro da casa. Era comum na maioria dos casarões antigos de Mariana, Sabará, Ouro Preto e outras cidades mineiras. Trata-se de uma forma poética criada no ano de 2010, na cidade de Mariana, em Minas Gerais, que já computou publicação de mais de 40 livros solos, incluindo publicações internacionais, além de inspirar escolas públicas, municipais e particulares em projetos de criação poética e incentivo à leitura.

Para a elaboração dos poemas foi realizado um processo de expansão dos conhecimentos a respeito desse gênero textual, através de aulas expositivas. Nas oportunidades, mediante pesquisa, foram confrontados e debatidos posicionamentos sobre as mais diferentes temáticas sociais – que seriam utilizadas como mote para a elaboração literária. Promoveu-se a leitura e produção textual, desenvolvendo as habilidades de composição, a partir de oficinas de escrita criativa do gênero Aldravia de forma crítica, por meio do uso dos recursos linguísticos e estéticos oferecidos pela língua. Realizou-se, ainda, a apresentação e declamação das elaborações

poéticas; por fim, empreendendo uma discussão sobre seu impacto para autores e ouvintes.

Para além da discussão dos temas, foram elencadas, em conjunto com os discentes, palavras que orbitavam o mesmo campo semântico de cada um para auxiliar no processo de escrita. Mais do que isso, discutiu-se sobre caligramas e poemas visuais.

Partindo dessa premissa, de acordo com Amir Brito Cadôr, temos que: “As letras que usamos têm características físicas, como altura, largura e peso. Uma letra pode ser leve, normal ou pesada, assim chamada a letra em negrito. O desenho de uma letra também pode transmitir sensações, como força, delicadeza ou fragilidade” (CADÔR, 2018, p. 1).

Consoante Cadôr, através de versos figurados – cujo aspecto, cor, estrutura etc, corroboram para elaboração de sentido – é possível saber o assunto de um poema antes mesmo de realizar a leitura, uma vez que existe uma espécie de acordo entre aspecto e conteúdo. Poemas figurados existem desde os anos 300 a.C., o caligrama – termo cunhado pela junção de caligrafia e de ideograma –, entretanto, surgiu no início do século XX, num ímpeto de explorar entre poesia e pintura, uma potencial fusão, embrenhando, nesse sentido, o conceito de simultaneidade.

Tudo isso posto, pelo fato de a aldravia ser um poema de forma fixa – constituído tão-somente por seis palavras-verso – os conceitos de poesia visual e de caligrama convergem para, além de auxiliar na elaboração criativa do gênero selecionado, suplantarem a proposta artístico-visual do trabalho, aqui descrito, uma vez que agregam à escrita literária, conceitos alicerçados em determinadas artes visuais.

### **3.3 Quinquilharia: vestígios de vida**

*A arte é o pensar, o criar. (...) O executar é o artesanato da arte!*

*Giovani Fantauzzi*

Ao buscar o verbete “quinquilharia” no dicionário, encontramos sinônimos como “objeto (brinquedo, bijuteria etc.) de pouco ou nenhum valor ou utilidade; bugiganga,

algo sem importância; insignificância, ninharia.”. De fato, essa é a visão geral do que se tem por quinquilharia. Contudo, esse é o principal material para a elaboração artística a ser aqui descrita, realizada com alunos de ensino médio, com faixa etária entre quatorze a dezoito anos.

Supomos que o conceito de assemblagem possa ser utilizado, aqui, para explicar o processo de criação com a quinquilharia, uma vez que se aproximam. De acordo com Bandeira e Monsell, “o uso de detritos urbanos e materiais reaproveitados do cotidiano faz parte dos procedimentos da assemblagem, na qual o artista busca sentido em qualquer material, rompendo limites tradicionais (...) da ‘matéria nobre’, criando uma linguagem híbrida” (2018, p. 1). Desde a seleção até à montagem, procede-se de maneira semelhante com a quinquilharia, cujo nome carrega a ideia de um material detritico, reutilizado ou sem valor. Desta forma, entendemo-la como objetos diversos, entre novos, seminovos, danificados, descartáveis, materiais sem uso atual, objetos inutilizados, porém, com valor sentimental, etc.

Quando descrevem a assemblagem, Rogger Bandeira e Alice Monsell explicam que se trata de um tipo de colagem – assim como o trabalho com quinquilharia – construída direto sobre o suporte. Ambos mencionam também, que os elementos aglomerados se relacionam, sem perderem uma sua essência enquanto unidade; na quinquilharia, a relação dos elementos também está presente – em maior ou menor grau, de acordo com o intuito do artífice. Ainda segundo eles, esses materiais “impulsionam a ver a obra como um todo, harmonizamos então as texturas, as cores e o potencial de cada um desses elementos, compreendendo que foram utilizados como pinceladas para uma composição final, aberta dinâmica e completa” (BANDEIRA; MONSELL, 2018, p. 2). Toda essa elaboração, harmonização e estruturação é condicente com a prática da montagem com quinquilharia.

Enfim, “a arte não vem mais sendo construída somente com materiais nobres, e isso estreita o relacionamento da vida com a arte. Os artistas vêm empregando matéria de sua experiência cotidiana para a construção de composições, utilizam objetos banais” (BANDEIRA; MONSELL, 2018, p. 2). Na quinquilharia, os objetos, como já foi introduzido, oscilam entre várias categorias. A fim de melhor ilustrar de que se tratam, enumero alguns deles: chaves, relógios e moedas antigas;

aviamentos em geral – botões, alfinetes, passadores, fechos, elos e fivelas descartados –; peças de bijuterias inteiras, montadas ou quebradas; elos de latinhas e tampas de garrafas; espelhos e cd's quebrados; partes menores de materiais escolares; botões de computadores; lacres e peças plásticas de etiquetas de produtos; conchas do mar; dentre os outros inúmeros materiais que se possa querer agregar ao conjunto.

O caráter interdisciplinar dessa proposta, que relaciona Língua Portuguesa e Artes Visuais, pretende proporcionar a expansão dos conhecimentos que os discentes possuem de ambos os conteúdos, mas, para além disso, intenta fazer com que o alunado, por meio dessas linguagens, consiga contar a própria história, a qual devem sempre trilhar com singularidade e protagonismo. Assim, foi um objetivo desse trabalho expandir o olhar do alunado aliando à leitura de mundo, criação poética e artística; além disso, confrontar e debater opiniões e pontos de vista sobre as mais diferentes temáticas desenvolvendo suas habilidades em artes visuais e língua.

Para tanto, foram realizadas oficinas de leitura e escrita poética, elaboradas pesquisas a respeito de temáticas sociais diversas, inclusive e em principal, pessoais a fim de auxiliarem na criação poética e artística; discutiu-se a respeito da importância dos objetos que, por mais simples – quinquilharias – que sejam, guardam certas memórias afetivas e do reaproveitamento de materiais, transformando-os em objetos de arte/artesanato. Essa distinção entre arte e artesanato merece ser discutida.

Mais próximo do ofício, o artesanato é, assim, ligado à tradição, previamente desenvolvida e passada por um mestre. A arte, por sua vez, parte do pressuposto da criação; enquanto o artesanato condiz com a produção. Assim sendo, segundo Saturnino – que traça uma análise em relação às artes da fibra, mas que, aqui estenderemos à quinquilharia –, temos que: “A arte e o artesanato convivem no mesmo universo de intenções, mas se diferenciam pelas formas de apropriação da matéria e da cultura onde estão inseridos” (SATURNINO, 2009, p. 9). De acordo com a professora, para o trabalho com as fibras, o fio condutor atravessa as técnicas e condiz com ambos os conceitos acima descritos. O processo de criação com a quinquilharia funciona de maneira semelhante.

Contudo, consoante Saturnino, por um grande período, a tapeçaria foi considerada arte minorada, mera peça decorativa. Apenas a partir do século XX, passou a ser tomada como arte. Tal tema é polêmico, afinal, o conceito de arte tende a transitar entre o elitismo e o idealismo. Tanto arte, quanto artesanato, atuam num mesmo espaço, sendo diferenciados, contudo, pela mencionada assimilação de matéria e cultura. Assim, arte e artesanato são interdependentes. É importante pensar que, por mais que se pretenda delimitá-las, ambas transcendem tempo e espaço. O processo artesanal seria o gesto humano capaz de imprimir marca à obra (SATURNINO, 2018, p. 1).

Finalmente, o que se depreende ao buscar entender arte e artesanato, é que tais habilidades expressivas coexistem. Nas palavras de Mário de Andrade: “O artesanato é a parte da técnica que se pode ensinar. Mas há uma parte da técnica de arte que é (...) a objetivação, a concretização de uma verdade interior do artista. (...) Isto não se ensina (...)” (ANDRADE, 2018, p. 2). Assim, na medida que, para além da técnica, o fazer da quinquilharia é essencial e criativo, trata-se de enlace artístico e artesanal.

#### 4. QUINQUILHARIA E ALDRAVIA: FRAGMENTOS DE IDENTIDADE EM FORMA DE ARTE

Por fim, serão apresentados e elaborados os objetos artístico-artesanais, além dos poemas, com base em toda a discussão e empreendimento literário dispensado durante a execução do projeto. Relatarei, neste capítulo, como foi a experiência de realização do trabalho e traçarei uma análise a partir dos conceitos apresentados neste estudo.

##### 4.1 Pertences pessoais como materiais didáticos

*A utilização de recursos e materiais expressivos diversos franqueou a abertura dos sentidos, mobilizando cabeça e coração, provocando cognição e afeto: os encontros que constituíram e constituem cada um puderam tornar-se visíveis em cores, formas, texturas, imagens composicionais, enfim. Na experiência estética oportunizada, os estudantes colocaram-se em conexão direta com a vida, com o outro. Observamos que foi importante e até decisivo o contato com diferentes materiais, pois com eles e a partir deles interpelaram os indícios que se anunciaram nas imagens, deslocaram as suas narrativas. As ideias já construídas de si puderam ser questionadas e ampliadas, de maneira a redesenharem as linhas que conduziam à leitura, quiçá compreensão, dos percursos vividos.*

*Luciana Esmeralda Ostetto e Rosvita Kolb Bernardes*

Na atualidade, considero instigantes e provocadores todos aqueles materiais didáticos avaliados como inusitados. Assim, instigam os alunos, tornando-se estímulos para despertar o interesse pelas artes e literatura. O processo de ensino e aprendizagem em artes visuais é dinâmico. Certamente, o material didático, assim como os processos de criação, não são – e não devem ser – lineares, mas subjetivos.

Afinal, o professor deve criar condições para que o aluno possa além de produzir seu próprio trabalho, contemplar e analisar a produção dos demais colegas

e a produção artística de um modo geral, entrecruzando atividades de fazer, apreciar e contextualizar a arte, proposições da abordagem triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa.

Como já explicitado anteriormente, para realizar o trabalho com a quinquilharia, é preciso lançar mão de alguns objetos. A solicitação feita aos (às) discentes foi pensada no sentido de que, ao reunirem o material, dessem prioridade a objetos pessoais, tais como: colares, broches, bijuterias, em geral – com algum valor afetivo ou representante de alguma tradição familiar ou pessoal; moedas, relógios, objetos colecionáveis – repassados por ancestrais, por exemplo; pertences relacionados à casa – chaves, pregos, ímãs de geladeira descartados; lembranças de passeios, ou lugares frequentados – como conchas, elos de latinhas e tampas de garrafas; brinquedos ou partes deles – roda de carrinho, dado, bola de gude etc.

Partindo dessa seleção, eles(as) poderiam, ao elaborar suas caixas de quinquilharia, para além do trabalho artístico-visual, vislumbrar formas de agregar identidade à obra. Assim, por meio da linguagem artística, conseguiriam contar a própria história, de modo que os trabalhos apresentariam, aliada à inventividade, singularidade.

Na data reservada para o início da montagem das peças, os(as) estudantes levaram, então, cada um, suas quinquilharias. Além delas, solicitei que cada um(a) levasse uma folha de jornal para proteger as carteiras e mesas, pois revezamos o ambiente de elaboração dos trabalhos entre sala de aula e refeitório, em vista do fato de a escola em questão não possuir uma sala específica destinada para aulas de artes.

Disponibilizei para eles a caixa em MDF com medida de 7x7cm, lixa, cola, pincel e mais algumas quinquilharias que quisessem agregar à montagem. Antes de começarem a colagem propriamente, solicitei que lixassem – superficialmente – toda peça, interior e exteriormente para eliminar imperfeições e rebarbas próprias do MDF.

Após isso, sugeri que iniciassem com a tampa, dispensando a ela os objetos que, a seu ver, mereciam maior destaque na peça. Ressaltei ainda que a disposição da colagem também influenciaria no resultado final, bem como a distribuição das cores da quinquilharia.

Os alunos e alunas não tiveram grandes dificuldades com o processo. Opostamente, para uma primeira experiência com quinquilharia – relato unânime – estavam à vontade e manipulavam bem, alguns(as) até com certa destreza, todos os materiais disponíveis. Dessa forma, fixavam à caixa, através, dos objetos escolhidos, resquícios da sua história, movimento que também realizariam ao depositar dentro dela, por meio de poemas de própria autoria, evidências de uma sua literatura pujante.

Após duas a três aulas, as caixas estavam finalizadas no que tangia ao procedimento da colagem. Sobre o trabalho de envelhecimento das peças – com betume da judéia – e pintura do interior das mesmas, refleti como poderia ser realizado de forma que não dispendesse mais horários e, ainda, não fosse frustrante para os(as) alunos(as), uma vez que havia materiais necessários cuja possibilidade de serem oferecidos em grande escala, diferentemente dos pinceis e caixas, era inexistente. Assim sendo, optei por dar o acabamento nas caixas, a fim de dar fluência ao projeto como um todo.

#### **4.2 Narrativas de si como alicerce para a escrita**

*aldravia  
meu  
verso  
universo  
em  
poesia*

*Gabriel Bicalho*

Busquei, através das oficinas de leitura e escrita poética, elaboradas a respeito de questões sociais diversas, promover a produção e interpretação textual. Para tanto, fez-se necessário identificar aspectos relevantes do gênero de composição proposto – Aldravia – e discutir a respeito de sentimentos e sensações que orbitavam as temáticas selecionadas – a saber: eu, amor, amizade, ódio, cores, animais, esportes, aldravia, política, liberdade, família, morte, vida, paz, guerra, quinquilharia, arte – para que pudessem produzir de forma criativa e crítica. Nesse momento, me empenhei, a priori, em auxiliar os(as) discentes a empreenderem um

processo de autorreflexão, relatando a si mesmos e refletindo criticamente sobre suas práticas individuais e coletivas.

Ao partir da leitura e análise do projeto *Translado*, como inspiração para minha prática, noto que as narrativas de si, além de desempenharem um processo de autoconhecimento, movimentam também o senso crítico – e autocrítico – e a consciência social dos indivíduos, auxiliando-os a reconhecerem sua identidade e subjetividades:

A narrativa de si não é relato do que se passa com alguém, mas a construção de como o sujeito se percebe e se apresenta; é um processo contínuo que não se fixa em um papel ou em um arquivo digital, não é somente um discurso, mas algo que deixa marcas e memórias em fluxo. Mais que escrever ou gravar palavras e sons, é firmar compromissos de vida consigo mesmo e com quem compartilha sua vida (PIMENTEL, 2017, p. 309).

No extrato acima, Pimentel recorda que, os fatores individual e social, na autobiografia, estão fundamentalmente relacionados. Nessa esteira, busquei proporcionar aos alunos e alunas esse processo contínuo do narra-se. Meu maior intuito era cumprir esses objetivos, portanto, com aldravias, através do exercício literário: “A leitura e a escrita da palavra implicando uma re-leitura mais crítica do mundo como ‘caminho’ para ‘re-escrevê-lo’, quer dizer, para transformá-lo” (FREIRE, 2003, p. 64).

Os(as) discentes escreveram sobre si e sobre o mundo. A partir das temáticas delimitadas foi possível debater sobre assuntos que são caros à sociedade e, destarte, entender o olhar que cada estudante direciona a eles. Ademais, o fazer poético possibilitou com que percebessem o poder da palavra enquanto meio de expressão de subjetividades e, ainda, como forma de ecoar reivindicações coletivas: “Daí, também, a necessidade de alfabetização numa perspectiva progressista, de uma compreensão da linguagem e de seu papel antes referido na conquista da cidadania” (FREIRE, 2003, p. 64).

Reconhecer-se enquanto indivíduo possuidor de uma identidade cultural própria é imprescindível, também, para o(a) educador(a) implicado(a) no processo de ensinar a pensar criticamente. Paulo Freire diz categoricamente que é preciso ao(à) educador(a):

assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a 'outredade' do 'não eu', ou do tu, que me faz assumir a radicalidade do eu (FREIRE, 2003, p. 41)

Enfim, em termos freirianos, na 'outredade' assumimos o eu, por isso, o processo de criação poética foi indispensável no sentido de auxiliar os(as) discentes a pensar o eu a partir das relações sociais. Como dito o individual e coletivo relacionam-se e, então, ao narrar a nós mesmos, estamos narrando o nosso tempo e espaço.

Refletindo sobre o resultado final, a escrita das aldravias foi bem sucedida. Foram dispensadas duas aulas para a elucidação do gênero e eixos temáticos a serem trabalhados. Felizmente, o empenho em propiciar uma experiência autobiográfica através de arte e literatura foi profícuo: "A narrativa de si tem a potencialidade de configurar elementos de vida e de desejos em um alinhamento expressivo, quando conduzida em aliança com abordagens educativas que privilegiam o sujeito como ator participante da aprendizagem" (PIMENTEL, 2017, p. 315).

De início, quando souberam que a composição literária autógrafa se daria através da escrita poética, os(as) estudantes demonstraram-se resistentes. Contudo, as discussões empreendidas em cima dos temas elencados esclareceram a proposta aos mesmos, que, desde então, seguem compondo aldravias, sobre os mais diversos temas que lhes apeteçam; relatam a si mesmos na medida em que versificam o mundo.

#### **4.3 (Re)pensando processos metodológicos e pedagógicos**

*Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta*

*aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza da minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste.*

*Paulo Freire*

Todas as aulas mencionadas, tenham sido de elaboração artística ou escrita, foram aulas operatórias conduzidas a partir das propostas desenvolvidas no projeto *Translado*. O conceito de “aulas operatórias” - de Afonso Ronca e Cleide Terzi - tem por base a construção do saber, tendo em vista que este é sempre reflexo daquelas, ou seja, na aula operatória o docente não se sente e nem se vê simplesmente como um reproduzidor de conteúdos. “Longe do “eu explico... você aprende”, este professor nota-se construindo junto com os alunos o conteúdo a ser estudado. É um momento de criação do Conhecimento” (RONCA; TERZI, 1991, p. 56).

Essa concepção metodológica que encara o docente, não como detentor, mas como proponente do saber, vai ao encontro do conceito germinado por Lygia Clark e Hélio Oiticica, cujos aspectos são estudados pela Professora Doutora em Educação Mirian Celeste Martins:

A inquietude e o mergulho na experiência potencializam a ação de professores-proponentes. A ação proponente move a pesquisa da própria prática, move os aprendizes para a experiência, move para problematizações constantes, na multiplicidade rizomática de trajetórias que nascem de desejos, que se contaminam pelo afetar-se no envolvimento e nas perturbações frente às desaprendizagens necessárias (MARTINS, 2006, p. 237)

Muito próximos da proposta de Paulo Freire, ambos os processos supracitados prosseguem perpetuando a reciprocidade evidente e inerente ao ensinar e ao aprender:

(...) quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é

transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2003, p.23).

No que tange a questão da avaliação foi levado em conta, portanto, que deveria-se realizá-la individual e coletivamente, levando-se em consideração o envolvimento singular de cada discente para a construção conjunta e particular do conhecimento.

Em *A pesquisa como metodologia de ensino*, Costiche, Tessaro e Speck desenvolvem justamente a ideia proposta pelo título: tomar a pesquisa como metodologia de ensino. Assim, iniciam o texto criticando a forma como atualmente enxerga-se a pesquisa, ou seja, como mera cópia de conteúdos prontos. A abordagem teórica para o ensino de Arte que propõem permeia a ideia de que o professor, enquanto incansável pesquisador, assimile a pesquisa enquanto método de ensino e elucide a necessidade de uma pesquisa bem traçada como meio, também, de aprendizagem: “É importante que se passe a compreender este método de ensino e de aprendizagem como algo que tire o aluno e o professor de seus papéis tradicionais, e que ambos trilhem a caminhada do aprendizado” (2018, não paginado).

Nesse sentido, é mister que o professor mantenha-se pesquisador. Ao lecionar, deve possuir domínio do assunto e atuar, não como detentor do conhecimento, mas como mediador desse. É importante que aguace o desejo de pesquisa no alunado e instigue a busca pela construção de sua autonomia, desenvolvendo o interesse pela leitura e as habilidades de interpretação, reinterpretação e produção própria (2018, não paginado). Incontestavelmente, também essa proposta vai ao encontro da tese freiriana de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. A abordagem metodológica de Costiche, Tessaro e Speck, portanto, corrobora a máxima “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Pensando deste modo, e tomando como ponto de análise os processos artísticos experienciados no projeto descrito, propôs-se, aqui, como metodologia

para trabalhar em sala de aula, justamente a criação de possibilidades para a produção do conhecimento através de uma aprendizagem mútua entre professor e aluno.

## CONCLUSÃO

A título de sintetizar as metas instituídas no início do trabalho, foi um objetivo desse trabalho expandir o olhar do alunado aliando à leitura de mundo, criação poética e artística; além disso, intentou-se levantar e discutir pontos de vista a respeito de diversas temáticas – em principal, relato de si – desenvolvendo suas habilidades em artes visuais e língua.

As oficinas de leitura e composição poética empreendidas alcançaram os objetivos propostos na medida em que trabalhou-se o pensamento crítico, aliado às práticas sociais e subjetivas; sobre a elaboração dos trabalhos com a quinquilharia, discutiu-se a respeito da importância dos objetos que, por mais simples e descartáveis que pareçam, guardam memórias afetivas e podem ser ressignificados através da arte.

Finalmente, acredito que obtive resposta para meu questionamento inicial. Pareceu, sim, possível, através das narrativas de si corroborar para o reconhecimento social de valores como respeito e dignidade do sujeito, além da percepção de seu poder político, uma vez que trabalhadas conjuntamente com a arte.

Ao aliar essas duas faculdades indispensáveis à compreensão do sujeito enquanto ser social, é possível lhe conceder a oportunidade de vivenciar a arte como cogente à sua existência, como justamente deveria ser considerada. Portanto, propiciar a experiência de aliar aldravia e quinquilharia, partindo da percepção autobiográfica, foi contribuir para que discentes (re)pensassem e, além, (re)formassem sua identidade. Ademais, puderam, com isso, confirmar a importância de arte e literatura como motor para uma vida individual, social e politicamente plena.

Finalmente, a proposta interdisciplinar da presente pesquisa foi bem sucedida, na medida em que arte visual e literatura se suplementaram, construindo e constituindo a formação identitária do eu que relata a si mesmo.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. O artista e o Artesão. In: ANDRADE, \_\_\_\_\_. *O Baile das Quatro Artes*. [S.l.: s. n.], 1938. p. 9 -33. Disponível em: <[http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Sem-3\\_O-Artista-e-oArtes%C3%A3o\\_M%C3%A1rio-de-Andrade.compressed.pdf](http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Sem-3_O-Artista-e-oArtes%C3%A3o_M%C3%A1rio-de-Andrade.compressed.pdf)>. Acesso em: 28 set. 2018.
- BANDEIRA, Rogger da Silva; MONSELL, Alice J. A assemblagem e o uso de detritos urbanos na história da arte. In: *Revista Seminário de História da Arte*, v. 01, n. 07, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/13505/8275>>. Acesso em 25 jan. 2020.
- BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem do Ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- \_\_\_\_\_. Para que história? *Revista Arte*. São Paulo: Livraria e Editoria Polis Ltda. Ano II, 1983, p.2-4.
- \_\_\_\_\_. *John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BENJAMIN, W. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: \_\_\_\_\_. *Magia e Técnica, Arte e Política – Obras Escolhidas, Volume I*. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética*. Trad. Rogério Bettoni. Posfácio Vladimir Safatle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- CADOR, Amir Brito. *Enciclodismo em Livros de artista [manuscrito]: um manual de construção da Enciclopédia Visual*. 293 f. Tese. (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/JSSS-93RG8E>>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- COSTICHE, Samuel W. S.; TESSARO, Nathália B.; SPECK, Raquel A.; A pesquisa como metodologia de ensino. In: *Pensar a Educação em Pauta*, 2018. Disponível em: <<http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/a-pesquisa-como-metodologia-de-ensino/>> Acesso em: 11 set. 2018.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada*. Natal: EDUFRN, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa*. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança* - um reencontro com a pedagogia do oprimido. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 64

GERMAN, Tomás [et al.]. *Translado: narrativas trans da Av. Pedro II*. Belo Horizonte: Favela é isso aí, 2018.

GERMAN, Tomás. *Translado: narrativas trans da Av. Pedro II*. Disponível em: <<https://www.awesomefoundation.org/pt/projects/102339-translado-narrativas-trans-da-av-pedro-ii>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

GOMES, Amélia. *Translado: projeto resgata identidade e garante visibilidade às mulheres trans de BH*. Brasil de Fato: Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/06/25/translado-projeto-resgata-identidade-e-garante-visibilidade-as-mulheres-trans-de-bh/>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

LOYOLA, Geraldo Freire., PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Reflexões sobre materiais didático-pedagógicos para Arte*. Texto retirado da Tese PROFESSOR-ARTISTA-PROFESSOR: Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte. (Doutorado em Artes) Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2016. Tese disponível em: <<http://migre.me/wa0GO>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

MACEDO, Juliana Gouthier. *Metodologias do ensino de Artes Visuais*. CEAD/EBA/UFGM, Belo Horizonte, 2011. Entrevistas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bOF4CKCISy4&feature=youtu.be>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

MARTINS, Mirian Celeste. *Entrevistas: a inquietude de professores propositores*. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação. V. 31 - n. 02, p. 227-240, 2006. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista>>. Acesso em 08 maio 2018.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; BERNARDES, Rosvita Kolb. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. In *Pro-Posições*, v.26, n.1, p.161-178, jan./abr. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0103-730720150001&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-730720150001&lng=pt&nrm=isso)>. Acesso em: 10 out. 2018.

PALHARES, Juliana Mendonça. Por que cantam os passarinhos? In: *Revista Digital do LAV*, vol.11, n.2, mai./ago. 2018, p.121-134. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/32517/pdf>>. Acesso em: 27 set. 2018.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Abordagem Triangular e as narrativas de si: autobiografia e aprendizagem em Arte*. In: *GEARTE*, v.4, n.2, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/gearte/issue/view/3240/showToc>>. Acesso em: 10 out. 2018.

\_\_\_\_\_. *Metodologias do ensino de Artes Visuais*. In *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Vol.1. Belo Horizonte: EBA/UFGM, 2007, p. 8-21.

\_\_\_\_\_. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. In *Ouvirouver*. Vol.11. n. 1. Uberlândia: jan./jun. 2015, p. 88-98.

SATURNINO, Joice; *Artes da Fibra*. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa. (Org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009, v. 3, p. 09-21.

\_\_\_\_\_. *Texto de Aquecimento: Artes e Fibra*. Texto da disciplina Artes e Fibra da Pós-graduação em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas  
Disponível em:  
<[https://virtual.ufmg.br/20182/pluginfile.php/445842/mod\\_resource/content/1/Texto d e aquecimento Artes Fibra rev.pdf](https://virtual.ufmg.br/20182/pluginfile.php/445842/mod_resource/content/1/Texto%20de%20aquecimento%20Artes%20Fibra%20rev.pdf). >. Acesso em: 27 set. 2018.